

# A MÚSICA ENQUANTO LINGUAGEM: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA MÚSICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Gabriela Tainara de Souza Ferreira<sup>1</sup>  
Jhordana Costa Araújo<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo desta revisão literária foi adentrar no mundo musical através de uma lente psicanalítica, investigando como se relaciona com a profundidade do inconsciente e se torna uma linguagem por meio da qual a psique humana se comunica. Portanto, este trabalho se justifica pela presença e relação da música com o emocional em cada momento da vida dos sujeitos, sendo esta, uma forma de expressão, identificação e comunicação, possibilitando acessar os processos psicológicos, através da psicanálise, considerando-a como uma linguagem. A pesquisa teve como base uma abordagem exploratória, por meio do método qualitativo. Realizou-se uma revisão bibliográfica, utilizando dados coletados em livros, artigos acadêmicos e revistas publicadas desde 2018 no Google acadêmico, abordando conceitos da psicanálise e a musicalidade, analisando, posteriormente, a experiência musical subjetiva diante de tais conceitos.

**Palavras-Chave:** Contexto social, comunicação, linguagem, música, psicanálise.

## ABSTRACT

The aim of this literature review was to delve into the world of music through a psychoanalytic lens, investigating how it is related to the depth of the unconscious and becomes a language through which the human psyche communicates. Therefore, this work is justified by the presence and relationship of music with the emotional aspects in every moment of individuals' lives, serving as a form of expression, identification, and communication, enabling access to psychological processes through psychoanalysis, considering it as a language. The research was based on an exploratory approach, using a qualitative method. A literature review was conducted, utilizing data collected from books, academic articles, and journals published since 2018 on Google Scholar, addressing concepts of psychoanalysis and musicality, and subsequently analyzing the subjective musical experience in light of these concepts.

**Keywords:** Social context, communication, language, music, psychoanalysis.

## 1. INTRODUÇÃO

A música é uma linguagem universal que excede fronteiras culturais e linguísticas. Ela possui o poder de exteriorizar algo que o afeta, podendo provocar sensações agradáveis ou desagradáveis, também contar histórias transmitindo significado de maneira singular para cada pessoa. Como bem assegura Fornari (2019), a linguagem tem como função

possibilitar uma conversação com o mundo devido a classificação dos sons relacionados a objetos, ações e características. Logo, tanto a música quanto a linguagem utilizam a modulação sonora de regularidades rítmicas, tonais e de intensidade para compreender e transmitir informações sobre a humanidade e sua psique. Lembrando que ela, a música, não se restringe somente à audição, pois também pode

<sup>1</sup>Psicóloga pelo do Centro Universitário do Vale do Araguaia – e-mail: [gabrielatsf.psico@gmail.com](mailto:gabrielatsf.psico@gmail.com)

<sup>2</sup>Psicóloga pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR, Mestranda em Ecossistema e Saúde pelo UNIVAR; pós-graduada em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico pela Faculdade Unyleya e em Psicologia do Trabalho e Neuropsicologia pela faculdade FAVENI. E-mail: [jhordana\\_araujo@hotmail.com](mailto:jhordana_araujo@hotmail.com)

ser sentida através das vibrações, vista por meio da expressão facial e corporal, e interpretada mediante uma linguagem gestual.

Haguiara-Cervellini (2003) observa que pessoas surdas podem experimentar a música por meio de dispositivos amplificadores e através de todo o seu corpo. A pele, nesse caso, cumpre um papel fundamental, uma vez que é capaz de detectar múltiplas vibrações, tornando-se o caminho pelo qual a pessoa com deficiência auditiva pode investigar o mundo sonoro e responder a ele. Portanto, é uma forma de transmissão diversificada que abraça a todos, alcançando a audição, leitura labial, interpretação visual ou outra forma de apreciação. Desta forma, uma única música ou arranjo musical pode ter diversos significados para diferentes indivíduos e isso ocorre porque ela é aberta à subjetividade pessoal, criando uma riqueza de experiências afetivas.

Ao explorar suas raízes, depara-se com um desafio intrigante: a dificuldade de traçar um ponto específico em um tempo ou lugar que indique seu início devido à falta de evidências escritas desta época. Porém, a partir da era pré-história, as comunidades desse período em suas vivências, acabaram por deixar materiais que foram decifrados através da arqueologia, sendo pinturas rupestres, onde descrevem homens e mulheres como se estivessem em movimento, dançando e tocando seus instrumentos rudimentares, que também foram encontrados.

[...] Flautas feitas de ossos com apenas um orifício, são do Paleolítico Inferior, usadas provavelmente em caçadas para imitar sons ou cantos de animais e pássaros, ou para os homens se comunicarem. No Paleolítico Médio foram encontradas flautas com três a cinco orifícios. Em 2009 foi descoberta no sul da Alemanha, próximo à caverna de Hohle Fels, uma flauta feita de osso de abutre, datada de 35 mil anos, com quase 22 centímetros e cinco buracos, o osso tem marcas de linhas em volta dos buracos, sugerindo que os buracos foram calibrados para produzir um som melhor. Vários instrumentos musicais foram encontrados nessa área, reforçando a ideia de que os humanos paleolíticos desenvolveram uma cultura rica. Foram encontrados no total quatro fragmentos de quatro flautas. Além da flauta quase inteira em osso de urubu, três instrumentos foram feitos em marfim de mamute. As flautas foram descobertas com a chamada Vênus Pré-Histórica, escultura de forma feminina, considerada a mais antiga já encontrada (Cavini apud Pires, 2019, p. 6).

Dessa forma, a música tem sido associada e tendo como objetivo o seu uso em rituais religiosos, celebrações e eventos sociais, e sua influência na cultura humana continua a crescer, pois os sons produzidos despertaram curiosidade e inspiração, levando à criação de melodias simples, pois encontraram inspiração nos sons da natureza, como as ondas do mar batendo em rochas ou areia, os estrondos dos trovões, a chuva e qualquer ruído que os animais emitem. Esses primeiros sons musicais serviam também desde os primórdios como forma de interação, expressão emocional e conexão social dentro dessas comunidades. Essas descobertas iniciais estabeleceram as bases do ritmo e da melodia, impulsionando o desenvolvimento da música contemporânea. Com o passar do tempo, a

expressão sonora evoluiu e se tornou uma das formas mais populares de arte e entretenimento em todo o mundo, sendo incorporada em diversas culturas e tradições por meio de sua linguagem.

A Psicanálise, como disciplina pioneira na compreensão da mente humana, tem um papel fundamental na investigação das diferentes formas de linguagem e expressão. Sigmund Freud, quem criou a psicanálise, destacou a importância dos processos inconscientes na formação da linguagem e na comunicação humana, Freud propôs também que o comportamento humano é moldado por instintos inconscientes, muitos dos quais são sexuais ou agressivos, e que o inconsciente é um aspecto importante da mente que influencia fortemente o comportamento. Ele também enfatizou a importância dos sonhos e de sua interpretação como uma forma de acessar o inconsciente (Is). A linguagem desempenha um papel fundamental nesse processo. Durante as sessões de psicanálise, por exemplo, os pacientes são encorajados a falar livremente, expressando seus pensamentos, sentimentos, fantasias e memórias. Essa livre associação de ideias permite que conteúdos inconscientes sejam trazidos à consciência e analisados.

O discurso psicanalítico permite que o sujeito emergja em meio à cadeia significante que desliza sob os significados com a possibilidade de articulação via linguagem. Enquanto o discurso científico e psicológico parece desconhecer ou incessantemente elidir esse contínuo “desentendimento” necessário e inevitável oriundo da impossibilidade de apreensão de

um objeto total, da coisa em si (*das Ding*), a psicanálise, com seu método de simples troca de palavras entre analista e analisando, aponta para o vazio deixado pela inexistência desse objeto, e é então que a palavra, a linguagem, ocupa seu lugar na fundação do inconsciente e acesso ao desejo, mesmo que a condição eterna do humano seja a de desejar o desejo, e não a de satisfazê-lo (Cançado, 2023, p.01).

Na psicanálise, o inconsciente é uma parte essencial a ser investigada. É um domínio da mente que abriga conteúdos e processos psíquicos que estão fora do alcance da consciência e assim a linguagem é o meio pelo qual esses conteúdos inconscientes podem emergir e serem trazidos à luz. Durante as sessões de análise, o analista incentiva o paciente a falar livremente, sem censura ou filtros, permitindo que o inconsciente se manifeste através das palavras.

Lacan (1953/1998) retrata que através da fala, a linguagem atribui significado às funções do indivíduo, ou seja, ajuda a dar sentido às condutas e experiências de uma pessoa. O campo de atuação dessa abordagem está centrado na narrativa concreta, pois é o espaço onde a realidade compartilhada entre diferentes sujeitos se manifesta. As operações envolvidas (interpretação, contextualização, comunicação) estão ligadas à história apresentada pelo sujeito, pois é por meio dela que a verdade real emerge do inconsciente, ou seja, a percepção da realidade é construída ao longo do tempo por meio do discurso e da linguagem do sujeito. Assim, com a fala, os indivíduos conseguem entender seus pensamentos, emoções e

comportamentos inconscientes, bem como as raízes dos seus conflitos emocionais.

Como forma de expressão artística, a performance sonora é capaz de evocar sensações, criar imagens mentais e transmitir ideias e conceitos abstratos por meio de uma combinação de sons, ritmos e harmonias. A intensidade, dinâmica e a interação entre os sons podem também gerar diferentes sensações e reações. Tudo depende do contexto em que a performance é realizada, bem como da capacidade do artista em explorar as possibilidades sonoras e emocionais do seu trabalho.

Através da melodia, o compositor ou intérprete pode expressar emoções, pensamentos e ideias de forma única e conectar-se com o público que a escuta. Schopenhauer apud Duarte (2018) sugere que a música tem um poder mais penetrante e cativante do que outras formas de arte, pois enquanto elas oferecem apenas uma representação ou reflexo da realidade, a música proporciona às pessoas a própria essência dela e não imita a realidade, como as artes visuais ou a literatura, expressando à vontade diretamente.

Isto posto, esta produção se justificou pela presença e relação da música com o emocional em cada momento da vida dos sujeitos, sendo uma forma de expressão, identificação e comunicação, possibilitando acessar os processos psicológicos, através da psicanálise, reconhecendo que a música opera em um nível simbólico e emocional,

considerando-a como uma linguagem. O resultado deste estudo contribuiu para uma melhor compreensão da relação entre a música e os processos psicológicos subjetivos manifestos.

O objetivo desta revisão literária foi adentrar no mundo musical através de uma lente psicanalítica, investigando como é relacionada com a profundidade do inconsciente e se torna uma linguagem por meio da qual a psique humana se comunica.

## **2. METODOLOGIA**

Este estudo teve como base uma abordagem exploratória qualitativa, baseada na revisão bibliográfica, utilizando dados coletados em livros teóricos, artigos científicos e revistas publicadas desde o ano de 2018 no Google Acadêmico. A leitura bibliográfica foi realizada para aprofundar o conhecimento sobre os conceitos psicanalíticos e o impacto da experiência musical nos sujeitos. Posteriormente, foi realizada uma análise à luz dos conceitos psicanalíticos que influenciam na forma com a qual a música é experienciada. A psicanálise nesta pesquisa, fornece conceitos-chaves como, objeto transicional, transferência, identificação, sublimação.

## **3. A MÚSICA COMO UMA LINGUAGEM PELA QUAL O SUJEITO SE COMUNICA**

Pode-se afirmar sobre a análise da canção pelo viés do corpo, por exemplo, que a relação entre o desenvolvimento da audição e a

origem da música está intrinsecamente ligada à capacidade humana de perceber e apreciar os sons desde os estágios iniciais da vida. O aprendizado em crianças começa antes do nascimento, principalmente em bebês saudáveis. A audição é o primeiro sentido a se desenvolver no feto, aproximadamente no quarto mês e meio de gestação. O feto pode ouvir a voz da mãe, e essa familiaridade é reconhecida no nascimento. (Branco e Linhares apud Neto, 2021).

No que concerne à memória intrauterina, é por meio dela que a criança lembra e depois reconhece a voz da mãe, da mesma forma que uma melodia que o acompanhou no pré-natal, uma vez que vem à luz, a mesma pode acalmá-la, tranquilizá-la e fazer com que se sinta bem porque representa algo familiar, uma espécie de fio condutor com a vida anterior que pode tornar a mudança menos drástica, podemos também defini-la como um “objeto transicional” que atua como substituto do corpo materno (Hockenberry e Wilson apud Neto, 2021, p.24).

Nesse contexto, a audição desde a barriga da mãe ganha ainda mais relevância. Os sons que o feto ouvia durante a gestação, incluindo a voz da mãe, se tornavam parte da sua memória intrauterina. Quando a criança nasce, esses sons trazem uma sensação de familiaridade e conforto, conectando-a com a vida no estágio inicial e agindo como um objeto transicional, como caracteriza Winnicott (2020), os objetos transicionais e os fenômenos transicionais iniciam os seres humanos naquilo que eles sempre consideraram importante, ou seja, uma área neutra de experiência que não será posta à prova.

Durante períodos de mudança, incerteza ou ansiedade, os sons ou músicas específicas podem oferecer um sentimento de consolo e estabilidade emocional; quanto ao objeto transicional seria, por exemplo, quando uma criança começa a frequentar a creche e em meio aos seus conflitos iniciais de estar longe dos cuidadores, sente conforto quando a professora canta a mesma música que seus pais cantam para ela dormir, ou então, outro exemplo, não voltado para a música, seria dormir com um ursinho de pelúcia que foi ganhado na infância, pois o mesmo proporciona emoções positivas, e segurança, ou qualquer objeto que possua grande valor sentimental o qual foi passado por gerações dentro de um meio familiar ou escolhido por trazer uma sensação de conexão e refrigério emocional. Essa conexão entre a música e a memória intrauterina ressalta a importância da estimulação musical durante a gestação, pois pode contribuir para a formação da identidade emocional da criança e também para o seu desenvolvimento cognitivo e social futuro.

O que torna a música tão capaz de afetar profundamente um sujeito pode ser explicado através da transferência, outro conceito psicanalítico desenvolvido por Freud, que refere à tendência natural das pessoas de projetar seus próprios sentimentos, desejos e experiências em outras pessoas ou objetos. Em um contexto terapêutico, a transferência ocorre quando um paciente transfere seus sentimentos não

resolvidos e questões emocionais para o terapeuta.

Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam um inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém in absentia ou in effigie. (Freud apud Moreira, 2018, p. 86.)

No entanto, esse fenômeno não se limita à terapia; ele também desempenha um papel crucial na relação com a música, pois quando é ouvida, muitas vezes experimenta-se uma sensação de identificação profunda com suas letras, melodias e expressões emocionais, isso devido a frequente expressão de emoções universais. É como se a música se tornasse um espelho que reflete as próprias emoções e experiências do sujeito, proporcionando um meio poderoso para a expressão e exploração dos sentimentos mais profundos. Nesse contexto, assim como a transferência, a identificação, sendo também um processo psicológico, descreve a tendência das pessoas em adotar características, valores ou emoções de outras pessoas ou figuras que consideram significativas em suas vidas. Desta forma, a música também serve como um veículo poderoso para a identificação, onde os ouvintes se conectam profundamente com as canções e os artistas ecoam suas próprias experiências, desejos e emoções, permitindo compreender

melhor quem é e o que sente, sendo uma ferramenta potencial para autorreflexão.

Assim sendo, desde a vida intrauterina, o sujeito perpassa épocas, momentos, fatores emocionais de acordo com seu contexto familiar, social, escolar, amoroso, fazendo o uso da música como ferramenta para sua expressão seja externa, ou interna, e assim muitas músicas transmitem mensagens de comunicação sobre as próprias emoções e percepções. Um exemplo são as canções direcionadas a protestos e hinos políticos, que transmitem mensagens políticas claras, e até mesmo abordam questões de desigualdade social e repreensão ao sistema político do Estado, de forma indireta. Elas podem ser usadas para expressar apoio a uma causa, criticar políticas governamentais ou promover mudança coletiva.

A canção "Cálice", por exemplo, composta por Gilberto Gil e Chico Buarque, surgiu em uma sexta-feira santa, quando Gilberto se inspirou na palavra "cálice", esse termo no contexto religioso refere-se a um copo ou taça sagrada usada em cerimônias religiosas, especialmente no cristianismo. O cálice tem uma importância significativa na celebração da Eucaristia, que é o ato de comemorar a Última Ceia de Jesus Cristo com seus discípulos. Ele compartilhou sua ideia com Chico, e os dois começaram a trabalhar na música no sábado de aleluia. A música foi produzida em 1973, mas só foi lançada em 1978, durante a ditadura militar no Brasil. Devido a questões contratuais,

Gilberto Gil não pôde interpretar a canção, então Milton Nascimento o substituiu. A música se tornou um símbolo antiditadura e inspirou o movimento que levou à queda do governo militar em 1985.

Na composição da canção em questão, Gilberto Gil introduziu o refrão, e cada colaborador contribuiu com duas estrofes, resultando em uma obra que se tornaria notável pela sua controvérsia e profundidade poética, especialmente devido ao contexto do regime militar em que foi elaborada. Chico Buarque foi quem percebeu a dualidade sonora das palavras "cálice" e "cale-se", acrescentando metáforas que conferiram à música um tom sombrio e melancólico. A letra da canção insinua, de forma indireta, metafórica e irônica, os horrores das práticas do regime militar, transmitindo uma narrativa crítica sobre os acontecimentos da época, foi originalmente planejada para ser apresentada no Festival Phono 73, promovido pela gravadora Phonogram. Contudo, a letra enfrentou censura, levando Chico Buarque e Gilberto Gil a optarem por uma performance na qual apenas cantarolavam palavras sem sentido e mencionaram partes isoladas da canção. Mesmo assim, a gravadora interrompeu o áudio dos microfones durante a interpretação de trechos da música.

Sendo um período de forte repressão política e censura à liberdade de expressão, a análise psicanalítica pode ajudar a compreender as camadas de significado da música e as

emoções que ela evoca, assim sendo, o termo "Cálice" na canção pode ser entendido como uma referência à Santa Ceia e à crucificação de Jesus, o que se refere ao sacrifício, ao sangue derramado, mas também como um trocadilho com a palavra "cale-se," que era uma das palavras de ordem mais proferidas nessa época, pois não era possível ter liberdade de fala, sem que houvesse punição.

A letra da música expressa um profundo sentimento de angústia e opressão devido à situação política durante a ditadura. No entanto, ao invés de externalizar essa angústia de maneira destrutiva, como a violência ou a agressão a si ou ao outro, os artistas voltaram suas energias pulsionais que estavam sem representação ao ato de produzir canções, canalizando essas emoções através da música. Por meio da repetição da palavra "Cálice", pode-se transmitir a sensação de sufocamento e repressão que muitos brasileiros vivenciaram naquela época. Nas últimas linhas retrata escancarado uma das formas de tortura da época, "Quero cheirar fumaça de óleo diesel, me embriagar até que alguém me esqueça".

Ela se tornou um hino de resistência contra a ditadura e é reconhecida como uma das mais importantes da música popular brasileira. Pode ser vista como uma maneira de liberar a tensão emocional de forma simbólica, pois remete ao sacrifício, à amargura, transformando a dor e a raiva em uma obra de arte, o que pode assumir um lugar de enfrentamento de como

lidar com essas demandas “difíceis”, explicado por um conceito da psicanálise, a sublimação.

**SUBLIMAÇÃO:** Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados. O termo “sublimação”, introduzido por Freud em psicanálise, evoca ao mesmo tempo o termo “sublime”, especialmente usado no domínio das belas-arts para designar uma produção que sugira a grandeza, a elevação, e o termo “sublimação”, utilizado em química para designar o processo que faz passar um corpo diretamente do estado sólido ao estado gasoso. Freud, ao longo de toda a sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual: por exemplo a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma dada sociedade confere grande valor. É numa transformação das pulsões sexuais que Freud procura a causa última destes comportamentos. “A pulsão sexual põe à disposição do trabalho cultural quantidades de força extraordinariamente grandes, e isto graças à particularidade, especialmente acentuada nela, de poder deslocar a sua meta sem perder, quanto ao essencial, a sua intensidade. Chama-se a esta capacidade de trocar a meta sexual originária por outra meta, que já não é sexual, mas que psiquicamente se aparenta com ela, capacidade de sublimação.” (Laplanche e Pontalis, 1967, p.495)

Através da sublimação, não apenas supera-se, mas também se evita idealizações, sintomas e inibições. Descobre-se uma liberdade, um encontro com a singularidade, e elabora uma saída “positiva” para essa energia instintiva. Por meio do esforço intelectual,

artístico e até mesmo esportivo, consegue-se acalmar desejos não satisfeitos. A criação transforma o sofrimento em prazer e satisfação, porque lida com a realidade e a angústia, através da sublimação, atribuindo um novo significado à dor e tendo a oportunidade de dar nome ao que é por vezes de difícil definição quando se trata das emoções reprimidas.

Em sua essência, a música vai além da mera combinação de sons e notas. Ela se torna uma forma de expressão que transcende a mente, adentrando o território do corpo humano, ou seja, tem o poder de não só estimular as funções egóicas, mas também conduzir uma manifestação no físico, funcionando como uma forma de catarse, outro conceito psicanalítico, permitindo que as emoções profundas e geralmente inconscientes, venham à tona, como por exemplo, o choro, o “nó” na garganta, adrenalina, mudança da respiração, taquicardia, arrepios, tensão muscular, tremores ou movimentos involuntários, dança espontânea.

“(…) a) a catarse é terapêutica e implica na lembrança de conteúdos reprimidos e na concomitante descarga somática de emoções, sob a forma de lágrimas, risos e expressões de raiva, além de intensas manifestações físicas e verbais; (b) na verdade, a essência ou principal fator curativo em tais terapias não é a catarse em si (a ab-reação) mas a reintegração afetiva e intelectual dessas liberações emocionais dentro de um quadro dito de mediação cognitiva (JABLONSKI, 1978, p. 81).

Esse processo de “catarse” ao ouvir música permite que o indivíduo lide com questões emocionais profundas de maneira

simbólica e terapêutica, ocasionando breve alívio e oportunidade de processar e compreender melhor esses sentimentos.

Assim, pode-se concluir que a música desempenha um papel significativo na vida de um indivíduo, exercendo impactos profundos em suas emoções. Além disso, também se torna uma forma de expressar conteúdos inconscientes, como conflitos e percepções. E em muitos casos, algumas músicas levam à ressignificação de questões sentimentais, ou seja, a capacidade de reinterpretar e dar novos significados a experiências pessoais passadas a partir do contexto em que se está no momento pois através das melodias, harmonias e letras, a música pode tocar áreas sensíveis da psique humana, emergindo memórias e desencadeando reflexões que podem estar fora do alcance da consciência no dia a dia, podendo ser especialmente terapêutico, pois permite que as pessoas processem desafios emocionais de forma mais construtiva, considerando-a não só como um entretenimento mas como uma ferramenta para a manutenção do bem-estar psíquico.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa buscou preencher uma lacuna no entendimento da música como forma de expressão e comunicação, destacando sua capacidade de servir como um canal para a manifestação do inconsciente. Assim sendo, constata-se que o objetivo geral foi atendido,

porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que a experiência musical pode ser utilizada como um meio de acesso aos processos psicológicos inconscientes sob a perspectiva da psicanálise, a fim de compreender os efeitos da música na mente humana.

O objetivo específico inicial era o de identificar como a experiência musical pode ser usada como uma forma de autoexpressão e autoconhecimento, sendo também concebido pois realizou-se uma análise musical na qual são expressadas emoções reprimidas dos artistas da época e servindo como exemplo de composições que se comunicam diretamente ou indiretamente com cada indivíduo, tudo isso à luz de conceitos psicanalíticos, como o de sublimação.

Logo, este trabalho proporcionou uma oportunidade singular, de aprofundar sobre o viés da psicanálise, em um tema que ao longo da vida foi usufruído como um apoio emocional, refúgio e também uma maneira de “conversar com alguém” como por exemplo, no ato de “enviar” ou “mostrar” uma composição musical para uma pessoa, para que ela entenda do que se trata aquela mensagem comunicada.

Ao analisar a música como uma linguagem que externaliza emoções e pensamentos de uma maneira que muitas vezes não se consegue colocar em palavras, foi lembrado de momentos da vida nos quais a música desempenhou um papel significativo, que evocavam lembranças, sentimentos em determinadas épocas, como quando criança e

adolescente, elaborando dessa forma, uma compreensão do porquê de cada emoção em determinado contexto e porque servia de fuga, acalento ou regulação dessas emoções, levando a reflexões profundas de sentimentos que passaram a fazer ainda mais sentido após estes estudos.

Através da explanação de conteúdos psicanalíticos, destacou-se a complexidade da mente humana, mostrando que em qualquer tema com base nos vários conceitos, de fato, existem mais questões envolvidas e estão latentes (inconscientes), emergindo através de estímulos, sejam qual for. Gerando dessa forma uma maior apreciação dessas nuances que neste caso, a música, pode proporcionar à psique.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A interpretação dos sonhos.** In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 4). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900). \_\_\_\_\_. (1987).

**CÁLICE.** Intérprete: Chico Buarque e Milton Nascimento. Compositor: Chico Buarque e Gilberto Gil. In: CHICO Buarque. Intérprete: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Universal Music, 1978. Faixa 2, (4:01) Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4K3E5bhJb92E7eyeIJ16QR?highlight=spotify:track:0VUgbCK0k8QWGpLiEV8YYZ>. Acesso em: 14 set. 2023.

CANÇADO, Marina Junqueira. **O lugar da palavra para a psicanálise.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 35, p. e28690, 2023.

DE OLIVEIRA, Luzia Carmem. **A Constituição do Ego e Superego na Teoria Freudiana, que Lugar para a Educação?.** In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE. 2018. p. 231-238.

DUARTE, Jordanna Vieira. **Música e Emoção: sensibilidade e sentidos.** Universidade Federal de Goiás. Goiás.

DA SILVA, Marli Guimarães. **A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE MOTORA.** N. 2 EDUCAÇÃO.

FONSECA, Maria Carolina Bellico. **Inconsciente: ontem, hoje e sempre (pelo menos enquanto formos seres falantes).** Estudos de Psicanálise, n. 50, p. 95-100, 2018.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id.** Tradução de Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1923-1996. 24 v.v. 19.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** L & PM Editores, 2019.

HAGUIARA-CERVELLINE, Nadir. **A musicalidade do surdo: representação e estigma.** 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

ITO, Júlio César Nunes. **Música: uma possível ampliação de recursos no setting analítico.** Junguiana, v. 36, n. 1, p. 9-18, 2018.

JABLONSKI, B.. **Catarse da Agressão: um exame crítico.** Departamento de Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, 1978.

JOSÉ FORNARI. **“Da música à musicologia”.** Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas. ISSN 2526-6187. Data da publicação: 2 de janeiro de 2019. Link: <https://www.blogs.unicamp.br/musicologia/2019/01/02/1/>

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis ; sob a direção de Daniel Lagache ; [tradução Pedro Tamen] \_\_ São Paulo : Martins Fontes, 1991.

LACAN, Jacques. (1953/1998) **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

LACAN, J. (1959-1960/1988). **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LIMA, Paulo Costa. **Música de Invenção: Diálogos com o Novo Século**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LIMA, Wenderson Santos; SANTANA, Leandro Sipriano de; MARX, Barbara Salla. **Subjetividade e emoção na música: a cultura e o afeto relacional**. Revista Ideologando, v. 2, n. 1, p. 206-220, 2018.

MOREIRA, Fernanda Barros. A transferência na relação analítica: um retorno a Freud e Ferenczi. **Semin., Ciênc. Soc. Hum.**, Londrina, v. 39, n. 1, p. 85-94, jun. 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-54432018000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 out. 2023.

NETO, Nolly et al. **O Impacto das Frequências Sonoras na Criança: Revisão Integrativa de Literatura**. 2021.

PIRES, Débora Costa. **História da música: Antiguidade ao barroco**. Indaial: UNIASSELVI, 2019.

POMMIER, G. **O desenlace de uma análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

STANLEY, John. **História da Música**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SCOTTI, Sérgio. **Psicanálise: Uma ética do desejo**. 2012.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020.